

Desenvolvimento Comunitário: das Teorias às Práticas

**Turismo, Ambiente e Práticas Educativas
em São Tomé e Príncipe**

ORGANIZADORES

Brígida Rocha Brito (Coord.)

Nuno Alarcão

Joana Marques

Ficha Técnica

Título: Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas
Turismo, Ambiente e Práticas Educativas em São Tomé e Príncipe

Organizadores: Brígida Rocha Brito (Coord.); Nuno Alarcão; Joana Marques

Colaboração: Joaquim Pinto; Bastien Loloum; Ana Sofia Alarcão; Fernanda Alvim

Autores: Adelina Pinto, Ana Cristina Palos, Ana Cristina Silva, Antónia Barreto, António Guedes, António Martelo, António Rodrigues, Araceli Serantes Pazos, Arlindo de Carvalho, Bastien Loloum, Brígida Rocha Brito, Bruno Silva, Carlos Vales, Céu Teiga, Cláudia Silva, Conceição Afonso, Danilo Barbero, Drausio Annunciato, Eleutério da Assunção, Eugénia Gonçalo, Eva Vidal, F. Veloso-Gomes, Germán Vargas, Irene Nunes, Isabel Rodrigues, Isaura Carvalho, Ivanete Nardi, Joana Marques, João Martins, Joaquim Ramos Pinto, Jorge de Carvalho, Jorge Bom Jesus, Luís Mário Almeida, Luís Moita, Manuela Cardoso, Márcia Moreno, Marcela Sobral, Mariana Roldão Cruz, Maria Teresa Andresen, Mariana Carvalho, Mário Freitas, Miguel Silveira, Nora Rizzo, Nuno Alarcão, Pablo Meira, Pedro Morais, Pedro Teiga, Rafael Branco, Raquel Lopes, Rogério Roque Amaro, Rosa Madeira, Vítor Reis, Xavier Muñoz y Torrent, Yossene Santiago

Revisão: Equipa do Projecto PTDC/AFR/69094/2006, Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE)

Financiamento e Apoios: FCT, CPLP, Delta

Organização do Seminário: Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE); Direcção-Geral do Ambiente e Direcção de Turismo da República Democrática de São Tomé e Príncipe; Associação Internacional de Investigadores em Educação Ambiental (NEREA-Investiga)

Outros Apoios no âmbito do Seminário: FCT, Fundação Luso-Americana, Fundação Calouste Gulbenkian, CEIDA, TAP Portugal, BANIF, Câmara Municipal de Lisboa, Culturália

Local: Lisboa

Ano: 2009

1-ª Edição (Janeiro 2009)

Tiragem: 400 exemplares

Capa e Maquetização: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.

Edição: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.
Rua Joaquim Casimiro 6, 4.º Dt.º, 1200-696 Lisboa
e-mail: gerpress@sapo.pt

Depósito Legal: 287.969/09

ISBN: 978-989-96094-0-2

O papel social e político da Educação Ambiental na conservação da biodiversidade

Luís Moita (Vice-Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa)

Gostaria de começar por fazer um agradecimento ao convite que me foi feito para participar deste Seminário, focando um aspecto particular ao qual ainda há pouco se fez referência na presença do senhor Primeiro-Ministro: o facto de as pessoas que me convidaram e que organizaram este Seminário não terem secretariado de apoio. Atribuo bastante importância a isto, porque se trata de uma equipa composta por universitários qualificados, pessoas envolvidas em projectos de investigação avançada, as quais asseguraram este Seminário desde a sua concepção até à execução prática. Com as suas próprias mãos garantiram as condições que tornaram possível este acontecimento. Julgo que lhes devemos explicitar esta homenagem e prestar-lhes o nosso agradecimento.

Sinto alguma dificuldade em proferir estas palavras para vocês, porque não sou especialista nestas matérias. Aqui em África, sinto-me portador de uma cultura muito europeia, o meu discurso é inevitavelmente eurocêntrico. No entanto, talvez possa ser útil, ao fim destas horas de debate, que uma pessoa algo exterior ao vosso universo – ecológico, ambientalista, turístico... – venha fazer algo que se pode comparar ao efeito de espelho, devolvendo-vos o reflexo daquilo que eu fui conseguindo captar das questões mais interessantes dos vossos debates ao longo destas horas.

Mais do que reportar-me ao resumo que preparei e que consta desse excelente edição elaborada pelo CEIDA, preferia ser capaz de vos colocar algumas perguntas. Cada vez estou mais convencido de que, com frequência, mais importante do que tirar conclusões é fazer perguntas, porque não há nada de mais útil do que as perguntas certas feitas nos lugares certos. Isto é tanto mais verdade quando nós vivemos em tempos de grande incerteza. Penso que todos partilhamos essa percepção. Em tempos pensávamos a formação como algo orientado para a aquisição de certezas, de conhecimentos tidos como seguros. Mas hoje estamos confrontados com uma atmosfera mental e existencial essencialmente dominada pela incerteza. Noções que pareciam absolutamente adquiridas tornam-se incertas, como por exemplo a ideia de progresso, que durante tanto tempo nos parecia uma evidência e sobre o qual, depois de termos dado tantas vezes com a cabeça nas paredes, temos muitas dúvidas, interrogando-nos sobre os caminhos que devemos seguir para fazer avançar as comunidades humanas.

Creio que esta atmosfera de incerteza tem uma razão interessante: hoje estamos muito mais sensíveis à complexidade. Quando digo complexidade, não se pense que me estou só

a referir às coisas como sendo complicadas. Não, a ideia de complexidade está hoje presente em diversas ciências, significando que a realidade não pode ser reduzida a uma ou outra das suas componentes, ela tem uma tal densidade de variáveis que obriga a um pensamento sensível à complexidade. Um exemplo bem claro disto encontrámo-lo ontem na exposição do Professor Rogério Roque Amaro. Um discurso daqueles sobre o desenvolvimento ou sobre a economia seria impensável durante as décadas em que fomos habituados a medir as realidades através de indicadores simples – PIB *per capita*, rendimento anual *per capita*... – tudo ali se concentrava e se condensava. De modo bem diferente, ouviram ontem o Roque Amaro falar de sete pilares, pelo menos: isto e aquilo e outro e mais outro... A multiplicação das variáveis é hoje uma dominante do nosso pensamento e isso é uma coisa que há-de impedir o que chamaria de pensamento linear, redutor, pensar que tudo se resolve numa linha recta quando afinal somos confrontados com uma constelação de variáveis. A propósito deste pensamento complexo, a História dá-nos exemplos interessantes.

Podemos imaginar o trauma que terá ocorrido quando, num dado momento, homens como Copérnico e depois Galileu operaram a ruptura para convencerem os seus contemporâneos de que estavam num sistema heliocêntrico, centrado no Sol! Como é evidente, isto que hoje nos parece uma banalidade significou uma ruptura profundíssima na descontinuidade na maneira de pensar o Universo. Mais tarde, outro homem (de quem por acaso já hoje ouvimos falar) Darwin, provocou também uma profunda descontinuidade no pensamento. Ao elaborar a teoria de evolucionismo, ele veio superar a ideia dominante segundo a qual o nosso Universo era a fabricação de uma qualquer divindade, afirmando, pelo contrário, que o ser humano era produto de uma evolução cósmica. Nós ainda hoje, creio eu, estamos a tentar captar as ondas de choque da concepção do darwinismo, porque, quem sabe?, aí estará a premissa basilar que poderá ter permitido a alteração gradual no modo de pensarmos a nossa relação com a natureza, a relação do humano e do social com o mundo físico e natural. Não é por acaso que falo de Darwin, porque no texto de resumo que eu propus fazia uma alusão a isto, que eu deixo aqui só para reflexão complementar: o modo como nós olhamos o mundo físico tem o maior impacto na maneira como entendemos o ser humano e o ser humano em sociedade. Para dizer a mesma coisa de forma erudita: a cosmologia tem um grande impacto na antropologia e na sociologia. Essas ciências estão interligadas e, desde o tempo histórico mais remoto, a maneira como o homem entende o mundo físico está extremamente ligada à maneira como o homem se entende a si mesmo e entende o social. Esta é uma questão de fundo que nós não podemos ignorar ao tratar aqui destes problemas.

E já que aqui falei de complexidade, deixem-me só sublinhar a importância da intervenção do Carlos Vales neste aspecto da biodiversidade, só para articular com ele o que

eu estou a dizer e para sublinhar isto: a biodiversidade é uma extensão da complexidade do Universo. Qualquer tentativa de a reduzir constitui um erro imperdoável. A biodiversidade, seja-me permitido recordá-lo, significa, como viram, primeiro a diversidade dos ecossistemas; segundo a diversidade específica, ou seja, a diversidade das espécies no interior mesmo dos ecossistemas; e terceiro a diversidade genética, já que a pluralidade dos genes constitui enriquecimento importantíssimo para a qualidade da vida, no caso agora para a qualidade dos humanos. Não é por acaso que, desde os primórdios mais remotos, as culturas praticaram o princípio da abertura dos grupos, justamente através, por exemplo, do tabu do incesto, da obrigatoriedade dos casamentos se fazerem para fora do grupo e não entre consanguíneos, porque o cruzamento da riqueza genética é factor de enriquecimento e não factor de empobrecimento.

Portanto, nesta minha qualidade de observador interessado que tenta aprender dos vossos debates, vou encaminhando esta minha intervenção dizendo-vos o seguinte: fico surpreendido, ao longo do que fui ouvindo, pela existência de quatro tensões, quatro interrogações que, de uma maneira ou de outra, percorrem as questões de fundo dos problemas que aqui trataram. Rapidamente vou-vos falar destas quatro tensões. Primeira: ecologia – economia. Segunda: ambiental – social. Terceira: micro-escala – macro-escala. Quarta: conservação - inovação

Repito, julgo útil esta tentativa de efeito de espelho, ao devolver-vos aqueles aspectos mais interessantes que aqui abordaram ao longo destes dias.

Primeiro, a relação entre ecologia e economia. A ninguém passou despercebido que é uma relação tensa, mas talvez a tensão se possa superar pela articulação. Espero não ser despropositado, mas gosto de formular as coisas assim: tanto um termo como o outro derivam de uma palavra grega, de que gosto muito, que é a palavra *oikos*. Certamente saberão, *oikos* é casa, é o espaço da casa. Ecologia quer dizer o logos acerca da *oikos*, é o conhecimento, a inteligência, da casa – compreender a casa, cuidar da casa. Por sua vez, economia é o nomos da *oikos*. *Nomos* quer dizer norma, a lei, é a capacidade de gestão. Não obstante as tensões entre ecologia e economia, elas tendem a aproximar-se e a articularem-se nas nossas práticas para que correspondam a esse cuidado da casa e a essa boa gestão da casa.

A outra tensão, ou contradição, é aquela que cruza o ambiental e o social. Confesso-vos que, se houve coisa que me tocou positivamente ao longo de todas as vossas intervenções, foi a capacidade demonstrada pelos intervenientes para articular os aspectos físicos do património material com o património imaterial, do ambiental com o social, da natureza física com as comunidades humanas que a habitam. Isso é uma articulação absolutamente fundamental. Poderia acrescentar, não como tema a desenvolver aqui, mas

apenas como sugestão que vos deixo, a ideia da articulação entre biodiversidade e pluralidade cultural. A UNESCO desenvolveu uma reflexão interessantíssima em torno disso. Há importantes pensadores contemporâneos que têm trabalhado este tema e que nos mostram que justamente a complexidade do mundo físico, traduzida na biodiversidade, tem o seu equivalente e a sua conexão com a complexidade do mundo social, o pluralismo e a diversidade de culturas. É tão grave uma espécie que se extingue como uma língua que deixa de ser falada. Questões deste género permitem úteis articulações entre o ambiental e o social, entre o físico e o humano, entre o natural e o cultural.

Mais complicadas são as questões relativas a outra equação tensa a que me estou a referir – depois da primeira, ecologia e economia; depois da segunda, ambiental e social; agora a terceira, macro-escala e micro-escala.

Olhamos pela frente densamente, por vezes com dramatismo, a macro-escala. Quando ouvimos falar no aquecimento global, nas alterações climáticas, apreendemos que há um sistema global em que estamos envolvidos, que envolve a atmosfera, os oceanos, a floresta tropical, eu sei lá quantas componentes de uma pluralidade. Nós hoje somos confrontados com essa noção de interdependência que nos abre para a tal macro-escala. Sejam claros, meus amigos, hoje em dia nenhuma acção que nós empreendamos pode deixar de ter em consideração a importância da dimensão global dos problemas. Estou seguramente a dizer uma dado adquirido, mas há algumas aquisições que têm que ser repetidas nos contextos da nossa reflexão para que não passem despercebidas.

A este respeito, permitam-me um parêntesis. Vejamos o que se passa neste momento acerca do preço do barril de crude. Mesmo os menos informados sabem compreender que houve um tempo em que o preço do petróleo subiu por causa do crescimento da procura, nomeadamente da China e da Índia. Mas hoje já não é essa a questão. Os responsáveis dizem que já não há um problema de oferta e de procura no mercado mundial de petróleo e, em contrapartida, afirmam duas coisas: primeira, que há uma actividade especulativa, ou seja, que são especuladores que estão a operar transferências de recursos para seu benefício; segunda, que o preço do petróleo sobe graças à percepção de que ou Israel ou os Estados Unidos podem atacar o Irão! Mas se esta ameaça se desvanece, o preço do petróleo tende a descer. E neste momento a Condoleezza Rice já disse «nós não temos inimigos permanentes», estão em negociações com o Irão e o preço do petróleo baixaria em função disso.

Como vemos, a nossa interpretação da realidade é indissociável da escala global – uma escala global que nem sempre se coloca à dimensão mundial. Sobre isso gostava de registar uma nota, quase um alerta para um risco que corremos, uma reflexão sobre as nossas práticas, quanto ao risco de não fazer política. Precisamos de assumir a intenção

política da nossa reflexão e da nossa acção. Porque, digo-vos uma coisa, uma das maneiras mais frequentes de se fazer política é não fazer política, a desistência da política é uma forma enviesada de fazer política. As questões que aqui tratamos, que muitas vezes são de pequena escala, são de nível local, e no entanto são indissociáveis dos problemas da gestão da sociedade em que vivemos, das opções para o desenvolvimento, das políticas públicas, das dimensões macroeconómicas. Mas se houve coisa interessante nas perspectivas que aqui trouxeram, foi o ênfase posta na micro-escala, na comunidade, na população local, no grupo humano que está directamente envolvido nos processos que aqui apreciamos. E aí sinto ou pressinto que, se há o risco da ilusão de não fazer política, também me parece que há o risco de termos uma visão canonizada, ingénua da comunidade local. Porque a comunidade local é espaço onde se desenrolam muitos destes processos, mas, sejamos claros, ela também é espaço de conflito de interesses. A comunidade local não é homogénea, nela também há formas importantes de violência, nem que seja violência simbólica. E, se estamos a trabalhar com equações neste registo micro da comunidade local, temos de exorcizar qualquer visão de ingenuidade assumindo a realidade dos conflitos de interesse e perguntar-lhes, quando é preciso tomar decisões, se sabemos quem toma as decisões, em que contextos e com que tipos de participação democrática, como é efectivamente a metodologia democrática com que se faz política. E digo isto sabem porquê? Se considerarmos que a comunidade local também é um espaço de conflito de interesses, temos maior necessidade de desenvolver as capacidades de mediação, de negociação, de argumentação racional. Se há coisa que deve caracterizar as tomadas de decisão a partir da nossa experiência é justamente a capacidade de argumentação.

Se me permitem, a última tensão que gostava de partilhar convosco é a que oporia, ou que dialecticamente se estabelece, entre conservação e inovação. São palavras que, de uma maneira mais simples, se podem traduzir em olhar para o passado e olhar para o futuro, em memória e em aspiração. De algum modo, reparem, uma boa parte dos nossos trabalhos verbalizaram a capacidade da memória, da memória até planetária, da memória geológica, da memória da biosfera, da memória da conservação, da importância que tem a manutenção do património físico de que nós somos responsáveis de transitar para a geração seguinte. É uma espécie de conservadorismo que, como disse, se enraíza na geologia, passa pelo manto vegetal que envolve a nossa terra e passa depois pela nossa própria tradição cultural, raiz das nossas memórias colectivas. Tudo isso são questões que nos levam a pensar na importância da conservação. Mas no vosso discurso, nas vossas intervenções, não ficou só importante este património físico, o património arquitectónico, a memória dos objectos, dos saberes. Temos também o aspecto das culturas de esperança, a necessidade de sermos capazes de desenvolver as aspirações colectivas, de as pronunciar

também para atingir consensos em ordem a passos em direcção ao futuro. Sabemos que esta tensão nunca se conseguirá resolver plenamente, como aliás também as outras como as que opõem economia e ecologia, ambiental e social, macro-escala e micro-escala e agora conservação e inovação...

Deixem-me agora propor-vos apenas uma palavra para ficar a pairar... E digo isto porque julgo que as palavras são produtoras de pensamento, induzem pensamento, e portanto também comportamento, induzem acção. Refiro-me a um termo chave para encerrar o que eu estou a dizer e que é a palavra cosmopolitismo. Sabem porque é que eu gosto dela? Primeiro - lá estou eu outra vez com o grego - já aqui referi o *oikos*, o *logos*, o *nomos* e agora aqui o *cosmos*. Conhecem o significado da palavra, mas reparem que remete para o mundo físico, para a realidade cósmica, só que acrescenta *polis*, a cidade. Estão aqui ligados, o local e o global no pensamento acerca do *cosmos*. Ao referir isto estou a pensar em autores nomeadamente alemães (aprecio muito o pensamento alemão a respeito de algumas destas questões), que desenvolvem temas como exemplo o da democracia cosmopolita. Eu tão pouco poderei aqui explorar este conceito, mas digo-vos que a ideia de cosmopolitismo é talvez aquela que nos permite tomar consciência do cruzamento destas várias dimensões, umas globais outras particulares, umas do passado outras do futuro, umas do mundo físico outras da nossa polis, da nossa cidade. Talvez se possa afirmar: esta é uma palavra que pode ser referência central para as nossas práticas. E, como viram, se alguma coisa aqui disse de útil foi porque me permiti de algum modo devolver-vos as coisas interessantes que aqui disseram e que eu aprendi.